

OCORRÊNCIA DE PNEUMONIA ENZOÓTICA SUÍNA EM UM FRIGORÍFICO DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Malabarba, A. R.¹; Dickel, L. E.²; Santos, R. L.²; Facenda, G.³

Resumo

O presente trabalho se refere à pneumonia enzoótica suína correlacionado com rinite atrófica (RA), visando assim verificar a ocorrência de pneumonia enzoótica suína nos municípios da região noroeste do Rio Grande do Sul. Neste trabalho foram avaliados 1.200 suínos sendo este realizado no período de 14 de janeiro a 02 de junho de 2008.

A realização da presente pesquisa possibilita através de estatísticas concretamente analisadas identificar mecanismos indispensáveis que atingem a produção suína no Noroeste do Estado. Suas principais causas facilitam com que a doença se manifeste precocemente, quando não forem controlados os agentes causadores da enfermidade caracterizando-a como uma doença infectocontagiosa que atinge a produção num todo e não isoladamente.

Palavras-chave: pneumonia enzoótica suína; *Mycoplasma hyopneumoniae*; suínos.

Introdução

A Pneumonia Enzoótica Suína (PES) ou também denominada Pneumonia Micoplasmática dos Suínos (PMS) é definida como uma doença respiratória crônica infecciosa, muito contagiosa, que se caracteriza por uma broncopneumonia catarral que, clinicamente se manifesta por tosse seca não produtiva e que geralmente aparece quatro semanas após a infecção, onde se pode perceber atraso no ganho de peso, alta morbidade e baixa mortalidade¹.

A PMS é causada pelo *Mycoplasma hyopneumoniae* que apresenta elevados índices de incidência em granjas comerciais, caracterizando-se como uma doença de rebanho e não uma doença que atinge animais individualmente. Seu isolamento requer meios especiais e é muito laborioso. Geralmente, ocorrem complicações secundárias com a *Pasteurella multocida* tipo A, agravando quadro de pneumonia¹.

Muitas variáveis ambientais e de manejo favorecem sua ocorrência e severidade. As principais são: volume de ar/animal menor de 3m³, lotação superior a 1 suíno/m², ventilação inadequada, flutuações térmicas diárias superiores a 8°C, umidade relativa do ar acima de 73% ou abaixo de 65%, construções grandes para alojar mais de 500 animais e utilização de sistema contínuo de manejo das instalações, sem realização de vazio sanitário entre lotes².

A maior fonte de infecção e contaminação está na porca, que transmite a doença à toda sua leitegada após o nascimento, porém quando esses leitões em contato com outros, tanto no desmame ou no desenvolvimento de seu crescimento transmitem a doença¹. O *M. hyopneumoniae* coloniza o trato respiratório, podendo causar danos

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: rodrigo_malabarba@hotmail.com

²Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: elcidickel@upf.br; luruschel@upf.br

³Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: giovanifacenda@bol.com.br

aos cílios e ao epitélio da cavidade respiratória. A localização física deste organismo nas paredes superficiais dos cílios e do epitélio ajuda-o a livrar-se dos mecanismos de defesa do hospedeiro e, também, impede a eficácia de tratamento antimicrobiano, devido à dificuldade de liberação do princípio ativo no local da infecção¹. O *Mycoplasma hyopneumoniae* liga-se à superfície mucociliar que recobre o trato respiratório, resultando em destruição desses cílios e na perda do sistema de defesa mucociliar. A função desses cílios é expelir partículas para fora do sistema respiratório e serve como uma barreira defensiva física inicial. A perda do aparato mucociliar permite o incremento da colonização por bactérias secundárias tais como a *Pasteurella multocida*¹.

Suínos de todas as idades podem adoecer, dependendo da imunidade do rebanho em relação, ao agente, mas nos rebanhos onde a doença é endêmica, os sinais clínicos são vistos, principalmente, nos animais em crescimento-terminação. O primeiro sinal é a tosse seca e crônica, facilmente observada quando os animais são forçados a se exercitar. Em alguns casos ocorre corrimento nasal mucoso. Posteriormente, observa-se animais com pouco desenvolvimento, pêlos arrepiados e sem brilho, sendo em comum a desuniformidade de peso entre leitões da mesma idade².

As alterações mais evidentes são áreas de consolidação pulmonar de cor púrpura a cinza. As áreas afetadas são bem delimitadas no tecido pulmonar normal e possuem consistência carnosa. Na maioria dos casos afeta os lobos superiores dos pulmões. Ao corte podemos encontrar exsudato que sai pelas vias aéreas e dependendo do estágio das lesões por infecções secundárias varia de mucopurulento a purulento³.

O diagnóstico presuntivo pode ser feito com base em observações clínicas, lesões de necropsia e nos exames histopatológicos. A confirmação é realizada pelo isolamento do agente etiológico, porém é uma prática pouco usada devido à dificuldade para isolamento².

É praticamente impossível eliminar a infecção por *Mycoplasma hyopneumoniae* de um rebanho, mas pode-se conviver com a doença, reduzindo sua gravidade a níveis economicamente satisfatórios, pela aplicação de medidas terapêuticas, imunoproláticas e, principalmente, pela correção dos fatores de risco³.

As principais medidas indicadas para o controle da pneumonia enzoótica são:

- Correção dos fatores de risco: utilizar o sistema “todos dentro – todos fora (*all-in, all-out*) com vazio sanitário entre lotes no crescimento-terminação; manter boa ventilação nas construções, evitando-se correntes de ar frio sobre os animais, mas permitindo a ventilação constante de higiene, manter boa higiene e desinfecção das instalações³.

Assim o objetivo do trabalho é mostrar a ocorrência de pneumonia enzoótica suína onde há uma concentração elevada de condenações a nível de frigorífico, prejudicando o produtor através das taxas de desigualdade que persistem na concentração de renda do produto.

Metodologia

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: rodrigo_malabarba@hotmail.com

²Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: elcidickel@upf.br; loruschel@upf.br

³Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: giovanifacenda@bol.com.br

Critérios de julgamentos

O critério de julgamento sanitário da pneumonia enzoótica, está relacionado com a incisão dos linfonodos apicais, brônquicos e mediastínicos. Também é feita uma avaliação visual dos lobos: apical direito e esquerdo, cardíaco direito e esquerdo, intermediário e diafragmático direito e esquerdo. Nestes casos se houver repercussão ganglionar na carcaça esta é desviada para o DIF (departamento de inspeção final), não havendo a carcaça é liberada. No caso da lesão for somente no órgão (pulmão) este é condenado ainda na linha de inspeção e é feita a sua marcação no placar que está localizado na “linha D” da mesa de inspeção.

Resultados e Discussão

A ocorrência da PES é relativamente alta em frigoríficos suínos, tais ocorrências são comprovadas através de um trabalho de pesquisa realizado junto a um frigorífico da região norte do RS, no período de 14 de janeiro à 30 de abril de 2008, onde foram recebidos 117.928 suínos destes municípios, e obteve-se a percentagem de pneumonia enzoótica suína por município.

Tabela 1. Incidência de PES por município

MUNICIPIOS					Total	Total de Animais	
	Jan./08	Fev./08	Mar./08	Abr./08		Rec.	%
Aratiba	291	661	746	606	2304	15226	15,13
Alto Bela Vista	1	3	26		30	687	4,37
Barão de Cotegipe	254	532	251	393	1430	10225	13,99
Barra do Rio Azul	137	312	277	398	1124	5981	18,79
B. C. do Sul		10	32	11	53	1135	4,67
Colorado	2	11			13	176	7,39
Concórdia	107	139	411	101	758	4855	15,61
Charrua	4			1	5	229	2,18
Cruzaltense	4	138		2	144	793	18,16
Erechim	310	407	68	216	1001	7338	13,64
Erval Grande	298	252	245	392	1187	10532	11,27
Erval Velho	9	64	99	38	210	1182	17,77
Entre Rios do Sul	6				6	45	13,33
Erebango			74		74	434	17,05
Faxinalzinho		268		77	345	2177	15,85
Gaurama	66	162	3	2	233	1038	22,45
Ibicare				10	10	125	8,00
Irani		45			45	212	21,23
Ipiranga do Sul	153	68			221	1127	19,61
Ipira	3	2	95		100	1066	9,38
Ita		10			10	101	9,90
Ipumirim			39	5	44	414	10,63
Itatiba do Sul	64		201	82	347	3061	11,34

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: rodrigo_malabarba@hotmail.com

²Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: elcidickel@upf.br; luruschel@upf.br

³Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: giovanifacenda@bol.com.br

Jaborá	47	113	27	187	851	21,97	
Joaçaba	96	5		101	397	25,44	
Lindoia do Sul	12	22		34	236	14,41	
Lacerdópolis	13	179	259	102	553	3124	17,70
Machadinho			2	2	41	4,88	
Mariano Moro	139	166	180	170	655	5232	12,52
Marcelino Ramos	71	54	24	65	214	1598	13,39
M. de Almeida			4	4	81	4,94	
Não-me-toque		1		1	198	0,51	
Ouro	8	20	8	38	74	947	7,81
Paim Filho	69	10			79	600	13,17
Paulo Bento	258	333	305	600	1496	10257	14,59
Peritiba		9	32	13	54	576	9,38
Piratuba			8	33	41	363	11,29
Ponte Preta	65	82	3		150	1463	10,25
P. Castelo Branco	25	12			37	173	21,39
Quatro Irmãos				1	1	44	2,27
Sarandi		2			2	510	0,39
Seara				19	19	164	11,59
S. de Almeida	307	164	94	268	833	5373	15,50
São Valentim	171	55	54	159	439	3451	12,72
Tapera	3				3	140	2,14
Três Arroios	471	156	53	559	1239	7245	17,10
Treze Tilhas				9	9	125	7,20
Viadutos	241	181	107	157	686	6580	10,43
					1660		
TOTAL	3550	4663	3838	4556	7	117928	

Fonte: Autor, 2008.

A ocorrência de pneumonia enzoótica suína a nível de frigorífico deve estar em torno de 5%, e neste trabalho notou-se que a ocorrência de pneumonia enzoótica suína a nível de frigorífico em alguns municípios está além deste número significativo de 5%.

Conclusão

O acompanhamento realizado e a percentagem da ocorrência de pneumonia enzoótica suína por município, permitiram verificar que deve-se dar mais atenção e ter maiores cuidados com os fatores de risco, pois isto sendo controlado diminui a percentagem de animais doentes em virtude de doenças respiratórias. Faz-se necessário ressaltar, com relação a esta situação, que estudos e coletas sejam realizados com maior frequência, para que se tenha um diagnóstico mais preciso da

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: rodrigo_malabarba@hotmail.com

²Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: elcidickel@upf.br; luruschel@upf.br

³Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: giovanifacenda@bol.com.br

ocorrência de pneumonia enzoótica suína, pois esta doença é a porta de entrada para outras doenças respiratórias secundárias.

Referências

¹ SOBESTIANSKY, J. et al. *Clínica e patologia suína*. 2. ed. Goiânia, 1999.

² RIBEIRO, F. C. et al. Diagnóstico da pneumonia enzoótica suína pela técnica da imunoperoxidase. *Arq. Bras. Vet. Zootec.*, v.56, n.6, p. 709-714, 2004.

³ CONCEIÇÃO, Fabricio Rochedo; DELLAGOSTIN, Odir Antônio. Etiopatogenia e imunoprofilaxia da pneumonia enzoótica suína. *Cienc. Rural*, v. 36, n. 3, p.1034-1042, jun./2006.

COOPERATIVA CENTRAL OESTE CATARINENSE AURORA. Relatórios Serviço de Inspeção Federal (SIF 772) do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. 2008. Erechim, 2008.

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: rodrigo_malabarba@hotmail.com

²Professores do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: elcidickel@upf.br; luruschel@upf.br

³Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: giovanifacenda@bol.com.br